



Notas da Semana - Economia e Mercados Financeiros

1. Economia e Mercados Financeiros

1.1 Economia

OCDE. A OCDE publicou na semana passada o *Interim Economic Outlook* de março de 2021 onde apresenta a revisão das projeções de crescimento económico para os principais países mundiais para 2021 e 2022.

Na maioria dos casos as projeções foram revistas em alta face às divulgadas em dezembro, como reflexo da implementação progressiva dos programas de vacinação, de programas adicionais de estímulos orçamentais em algumas economias, e das evidências da maior capacidade de resposta no combate à propagação da pandemia. De acordo com o cenário base, o crescimento da **economia mundial** será de 5.6% em 2021 (4.2% em dezembro) e 4.0% em 2022 (3.7%). Em termos de regiões, o ritmo de expansão para a **Área Euro** foi revisto ligeiramente em alta, de 3.6% para 3.9% para 2021, embora as projeções para França (5.9%) e Itália (4.1%) tenham sido alvo de reduções, em contraste com as alterações em sentido contrário na Alemanha (3.0%) e Espanha (5.7%). A projeção de crescimento do PIB da Área Euro para 2022 foi revista de 3.3% para 3.8%. Nos **EUA**, o novo pacote de estímulos, já aprovado no Congresso norte-americano, contribuirá para que o crescimento do PIB seja de 6.5% em 2021 (+3.3 p.p. do que em dezembro) e 4.0% em 2022 (+0.5 p.p.). Segundo a OCDE, para uma retoma mais célere e com menos custos económicos e sociais é imperativo acelerar os programas de vacinação e manter ativas as atuais políticas monetárias expansionistas, bem como os apoios fiscais, até à recuperação completa dos níveis de atividade pré-pandemia.

Portugal. Segundo o INE, as **exportações e as importações** de bens registaram quedas homólogas de 9.8% e 17.2% em janeiro de 2021, após -7.4% e -6.5% no mês anterior, respetivamente. Os resultados foram fortemente condicionados pelas descidas acentuadas das *exportações e importações de Combustíveis e lubrificantes* (-39.3% e -46.1%) e de *material de transporte* (-10.9% e -26.4%). O défice da balança comercial de bens reduziu-se em €630 milhões face ao mesmo mês de 2020, fixando-se €834 milhões de euros.

Ainda em janeiro de 2021, o **índice de volume de negócios nos serviços** voltou a acentuar o ritmo de queda, passando de -12.8% para -16.7%, reflexo do agravamento das medidas de contenção. Apesar de menos afetado pelas condicionantes da pandemia, o **índice de volume de negócios na indústria** fixou-se em -8.5% em janeiro, após -6.5% no mês anterior. A **produção na construção** evidenciou uma quebra ligeiramente menor (-2.4% face a -2.6%).

Área Euro. A **produção industrial** aumentou 0.8% em janeiro face ao mês anterior, após uma queda de 0.1% em dezembro (revisão em alta face a -1.6%). A produção de bens de consumo duradouros subiu 0.8%, tal como a produção de bens de consumo não duradouros (0.6%). Em termos homólogos, a produção industrial aumentou 0.1%, terminando um período de contração de 26 meses.

A produção industrial da região encontra-se somente 0.4% abaixo do nível pré-pandemia. Entre os principais países da região, as maiores subidas verificaram-se na França (3.4%) e Bélgica (3.1%), enquanto, em sentido contrário, as quedas maiores foram registadas em Portugal (-1.3%) e Espanha (-0.7%).

EUA. O número de **pedidos de subsídio de desemprego** (*Initial Jobless Claims*) caiu para 712 mil (valor anualizado) na primeira semana de março, após 754 mil, a leitura mais baixa desde a primeira semana de novembro, refletindo a reabertura progressiva da economia norte-americana.

Segundo o indicador da *University of Michigan*, o **sentimento dos consumidores** norte-americanos registou um aumento de 76.8 para 83.0 em março, o que representa a leitura mais elevada dos últimos 12 meses. Esta melhoria beneficiou do rápido progresso da vacinação, bem como da aprovação das medidas de apoio fiscal. Tanto a componente das *condições atuais* (91.5, após 86.2

em fevereiro), como a das *expectativas* (77.5, após 70.7) registaram uma melhoria considerável, consistentes com um forte crescimento do consumo privado durante os próximos meses.

Banco Central Europeu. No Conselho de Governadores de 11 de março ficou explícito que o BCE considera indesejável o incremento recente das taxas de juro na Área Euro. A ênfase do BCE continua a centrar-se na manutenção das condições favoráveis de financiamento, embora isso não tenha sido traduzido em metas concretas. A Presidente Lagarde apenas transmitiu o que isso significa em termos qualitativos e gerais, rejeitando explicitamente a noção de que o BCE tem neste momento uma política de controlo da curva de rendimentos, não esclarecendo quais as condições de financiamento desfavoráveis que implicariam uma revisão da política atual. O Conselho de Governadores comprometeu-se, no entanto, a aumentar significativamente o ritmo de compra de ativos em relação ao ritmo vigente desde o início do ano, embora também não tenha anunciado a magnitude desse aumento. Tal decisão é consistente com a noção de compras flexíveis destinadas a estabilizar as taxas de mercado. Como o CG optou por não aprofundar este tema, caberá aos investidores descobrir a evolução do padrão de compras.

Por fim, a revisão trimestral das projeções traduziu-se num cenário de crescimento e inflação praticamente inalterado em relação a dezembro. O crescimento do PIB foi revisto em alta em 0.1 p.p. para 2021 e 2022 (4.0% e 4.1%, após -6.9% em 2020). A revisão em alta em 2021-22 da inflação total, de 1.0% para 1.5%, e subjacente, de 0.7% para 0.8%, deve-se a fatores temporários e ao aumento dos preços do petróleo. Quanto ao mercado de trabalho, os especialistas do BCE reviram em baixa as projeções da taxa de desemprego para 2021 e 2022.

1.2 Mercados Financeiros (atualizado sexta-feira, 12 de março, às 12h00)

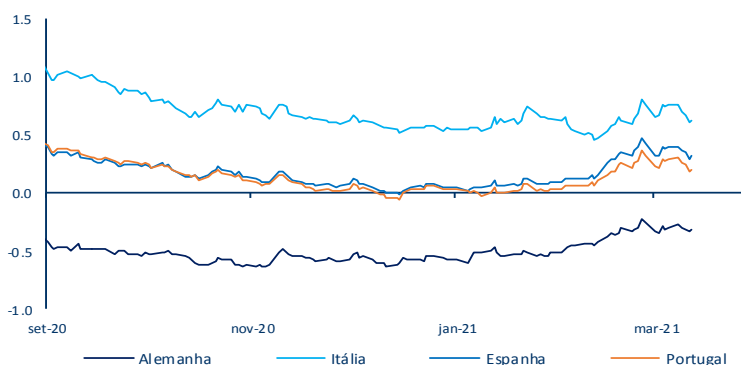
Nos mercados financeiros, a semana passada foi marcada pela redução de volatilidade e por uma maior estabilização das *yields*, o que contribuiu para o aumento de exposição às classes de ativos de maior risco. A aprovação do pacote de estímulos fiscais e as leituras moderadas da inflação nos EUA, dominaram as atenções dos investidores contribuindo para a melhoria de sentimento e o regresso à subida dos índices acionistas. A revisão em alta das projeções macroeconómicas, tanto por parte do BCE como da OCDE, refletiram igualmente uma visão mais otimista no curto prazo.

No **mercado monetário**, as taxas Euribor terminaram a semana com variações ligeiras nos principais prazos de referência, sem uma tendência definida oscilando ao longo de uma semana marcada pela reunião do BCE. Nesta, o Conselho de Governadores não deliberou alterações significativas à atual política monetária acomodatória na Área Euro, tendo sinalizado a intenção de acelerar o ritmo de compras de ativos de dívida ao abrigo do PEPP. Nos prazos de 1 e 12 meses, o aumento foi de 0.6 e 0.4 p.b., para -0.548% e -0.483%, respetivamente, enquanto a 3 meses, a taxa desceu para -0.539% (0.2 p.b.). A inclinação da curva de futuros da Euribor a 3 meses manteve-se praticamente inalterada até dezembro/2025 (-0.5 p.b., para -0.02%), sem reação de maior à reunião do banco central.

As *yields* das **obrigações de dívida soberana europeia** encerraram a semana com uma descida generalizada, sobretudo na periferia, com a dívida destes países a serem mais beneficiadas em termos de procura após o CG do BCE, caindo em termos globais para os mínimos das últimas quatro semanas.

As taxas de juro a 10 anos no Sul da Europa registaram variações superiores a -10 p.b., com destaque para a Grécia e Itália, onde as *yields* desceram -16.3 e -12.6 p.b., fixando-se em 0.80% e 0.63%. Em Portugal e Espanha, os movimentos foram de -9.8 p.b. (0.19%) e -7.6 p.b. (0.32%). Na Alemanha (-0.31%) e em França (-0.07%) as variações foram marginais (Fig. 1). Nos EUA, apesar das leituras de inflação total e subjacente relativas a fevereiro terem sido abaixo das expectativas e terem contribuído para uma descida das *yields* de longo prazo, ainda assim as taxas a 10 e a 30 anos registaram incrementos de 5.5 e 8.6 p.b. para 1.62% e 2.35%, os níveis mais elevados desde fevereiro de 2020 e dezembro de 2019.

Europa: Taxas de dívida soberana a 10 anos (%)

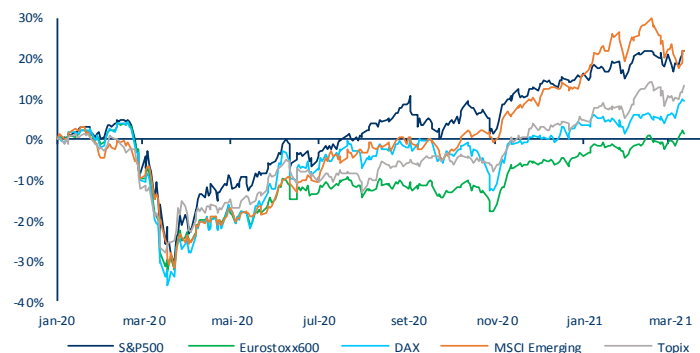


Os principais índices dos **mercados acionistas**, subiram de forma acentuada na maioria das geografias, alguns dos quais, nos EUA e na Alemanha, atingiram novos máximos históricos, suportados pelas evidências de recuperação económica e pelas leituras mais moderadas da inflação, o que contribuiu para uma redução dos receios quanto aos impactos do aumento das taxas de juro (Fig. 2). A aprovação do pacote de estímulos fiscais nos EUA e as revisões em alta das projeções económicas da OCDE ajudaram também à valorização dos principais índices norte-americanos entre 2.5% no *S&P500* e 6.7% no *Russell 2000*, índice que representa 2000 das empresas de menor capitalização e que lidera os ganhos anuais com +18.4%. Na Europa, o *Eurostoxx600* valorizou 3.2%, liderado pelo *MIB* italiano (4.8%) e *CAC* francês (4.2%), mas com a maioria dos índices a encerrar com uma variação média de 3.5%. Em termos setoriais, destaque para as empresas cíclicas, nomeadamente o *Retail* (+7.1%), *Telecomunicações* (+6.0%), *Lazer e Viagens* (+5.1%) e *Construção* (+5.0%). No Japão, o *TOPIX* subiu 2.9%. O *MSCI* emergentes terminou com um ganho de 1.4%.

Nos **mercados cambiais**, a reduzida volatilidade levou a apreciações moderadas das moedas, com o euro a ganhar apenas 0.2% face ao dólar, fixando-se em \$1.193. O dólar efetivo interrompeu a tendência de subida observada desde o início do ano (+2.1%), tendo perdido 0.1% contra um cabaz de moedas, apesar da apreciação de 0.6% face ao iene, considerado também um ativo de refúgio. A libra voltou a valorizar, tanto face ao dólar (0.4%), como ao euro (0.3%).

Nas **matérias-primas**, as variações foram igualmente mais reduzidas, tanto no petróleo, como no ouro, merecendo referência a valorização da platina (+5.0%) para \$1189/onça, após uma correção de quase 15% nas últimas semanas, acumulando ainda um ganho de 10.9% em 2021.

Evolução dos principais índices acionistas (base=dez/09)



2. Temas da semana

2.1 Área Euro - Produto Interno Bruto - 4º trimestre de 2020 e o ano de 2020

O Eurostat divulgou na passada semana os dados referentes à composição do **PIB da Área Euro** (AE) no quarto trimestre de 2020 e no ano de 2020.

De acordo com o *Eurostat*, o PIB real da AE registou uma contração de 0.7% no **quarto trimestre de 2020** em comparação com o trimestre anterior, período em que o crescimento correspondeu a 12.5%. No quarto trimestre do ano passado, as **despesa em consumo final das famílias** caíram 3.0% em cadeia, correspondendo a um contributo de -1.6 p.p., enquanto a **formação bruta de capital fixo** cresceu 1.6%, o que representou um contributo positivo de 0.3 p.p.. As **exportações e as importações** registaram crescimentos positivos, de 3.5% e 4.1%, respetivamente. Desta forma, o contributo do saldo externo foi ligeiramente negativo (-0.1 p.p.), sendo compensado pelo contributo da despesa em consumo final público (+0.1 p.p.).

Em termos homólogos, o PIB diminuiu 4.9% no quarto trimestre de 2020, após -4.2% no trimestre anterior.

Após impulsionar a recuperação inicial da atividade à medida que as economias reabriram no verão, o consumo arrefeceu substancialmente a partir do final do terceiro trimestre, refletindo o ressurgimento das preocupações de saúde e o impacto das novas medidas em vários países da Área Euro. Todavia, a população e as empresas mostraram-se mais adaptadas às novas restrições, evitando uma queda na magnitude observada no segundo trimestre do ano. Este facto, a par do elevado número de apoios e estímulos, tanto fiscais, como monetários, permitiu que de uma forma geral as economias tivessem revelado uma recuperação e resiliência notável na segunda metade de 2020, contribuindo para revisões em alta das projeções de crescimento (FMI e OCDE). Não obstante, a atividade económica permaneceu constantemente condicionada, em particular no setor dos serviços, e em menor grau no comércio. Em **2020**, o PIB da AE contraiu 6.6%, após ter crescido 1.3% em 2019, situando-se no final do ano 4.9% abaixo do nível verificado no último trimestre de 2019, o que compara com os 2.4% observados no caso dos EUA.

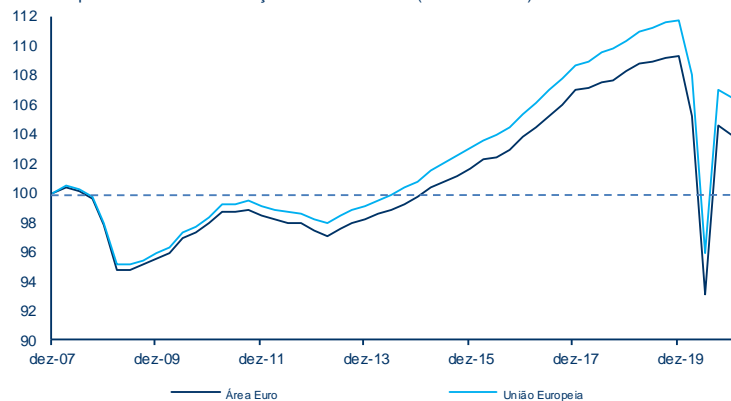
Isto foi reflexo de um contributo negativo de todas as componentes, com particular destaque, para o *consumo privado* (-4.3 p.p.) e o *investimento* (-1.8 p.p.).

Entre os membros da AE e da União Europeia, os países com as quedas superiores foram a Espanha (-11.0%), a Itália (-9.0%) e a França (-8.2%). Em comparação, Portugal registou uma queda de -7.6% do PIB real. No lado oposto, a Irlanda foi o único país que alcançou um crescimento positivo (2.5%).

Área Euro: Crescimento do PIB e Contributo das Componentes (vc) (p.p.)

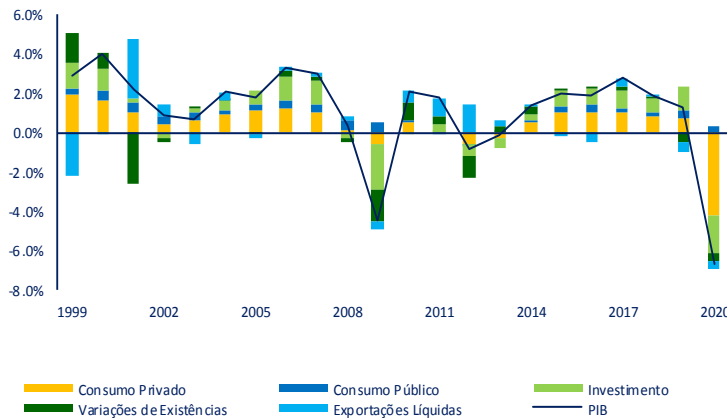


União Europeia e Área Euro: Evolução do nível do PIB (Dez 2007=100)

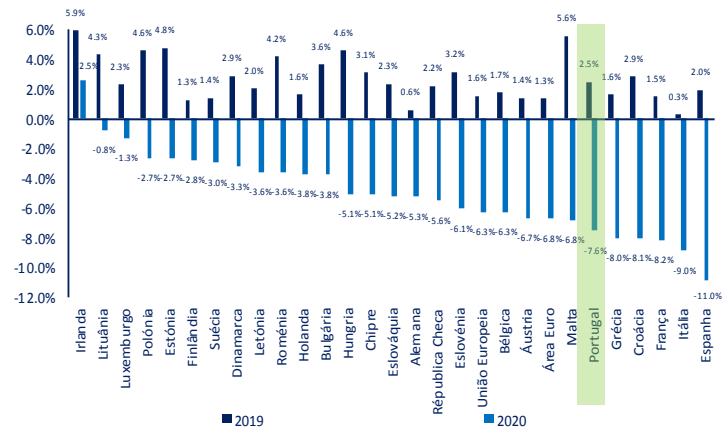


Fonte: Eurostat

Área Euro: Crescimento anual do PIB e componentes (p.p.)



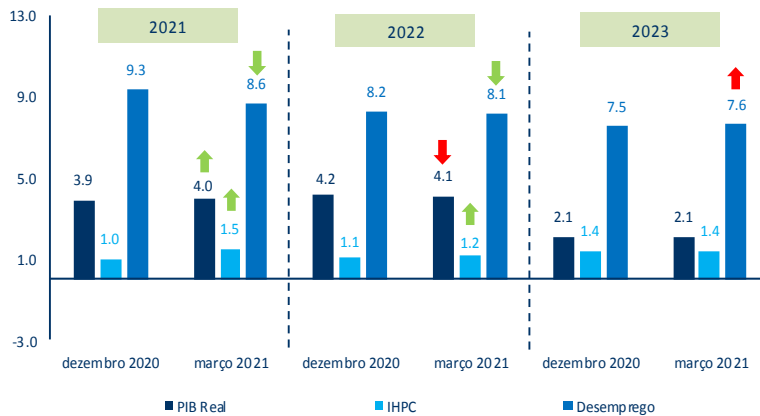
Crescimento anual do PIB em 2020 e 2019 na Europa (%)



Fonte: Eurostat

Apesar da elevada incerteza em torno das perspetivas económicas de curto prazo, em particular devido às dinâmicas da pandemia e às dúvidas quanto aos resultados do processo de vacinação da população europeia, o BCE projeta uma recuperação da economia nos próximos meses, com valores de crescimento do PIB em torno de 4%. Não obstante, devido às restrições que ainda vigoram, é esperada uma contração da atividade económica no primeiro trimestre do ano. Esta incerteza apenas poderá ser colmatada com uma aceleração dos esforços de vacinação, a continuação de condições financeiras favoráveis e a manutenção dos estímulos fiscais.

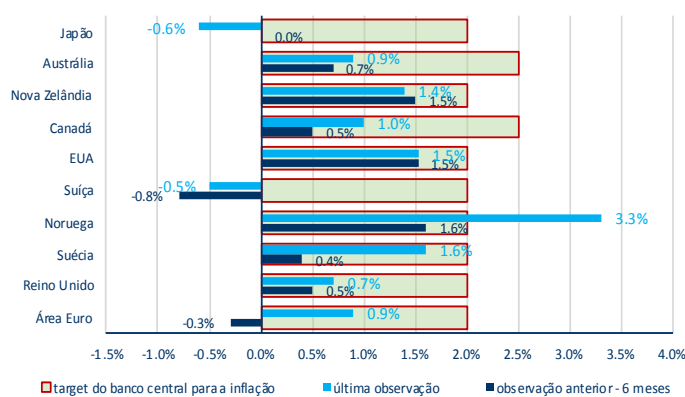
Área Euro: Crescimento Anual do PIB, IHPC e Taxa de Desemprego (%) - 2020/2023 - Cen. Central



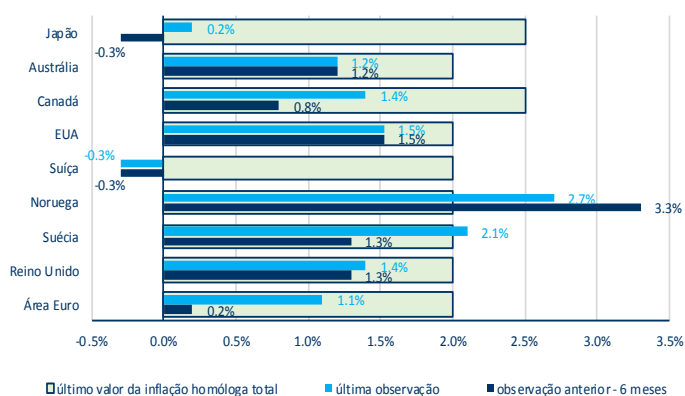
Fonte: BCE

2.2 Inflação - principais resultados de fevereiro

Os relatórios de inflação do mês de fevereiro revelaram, até ao momento, um ligeiro recuo das pressões inflacionistas verificadas em janeiro. Em termos globais, a inflação no consumidor permanece dentro dos limites estabelecidos pelos bancos centrais nas economias desenvolvidas, com exceção da Noruega. No caso do Japão e da Suíça, o crescimento dos preços no consumidor mantém leituras negativas, à semelhança da China, neste caso no bloco emergente, onde a respetiva variação homóloga correspondeu de novo a -0.2%.

Economias desenvolvidas: Inflação TOTAL e *target* do Banco Central

Fonte: Bancos Centrais nacionais

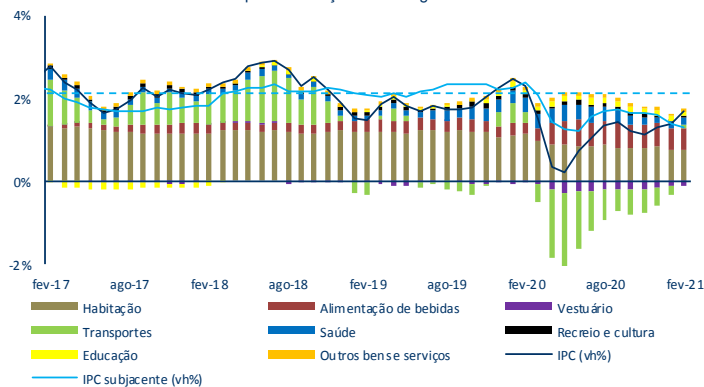
Economias desenvolvidas: Inflação SUBJACENTE e *target* do Banco Central

Fonte: Bancos Centrais nacionais

Nos **EUA**, a variação homóloga da inflação total registou em fevereiro uma aceleração em função dos contributos das componentes mais voláteis, *alimentação e bebidas* e *energia*. Pela primeira vez em muitos meses, a energia não teve um contributo negativo para a inflação. A leitura do IPC (1.7%, *vh*) foi a mais elevada em 12 meses.

Em termos do IPC subjacente, a inflação norte-americana registou o segundo mês de redução, com a respetiva variação homóloga a descer de 1.4% para 1.3%, o valor mais baixo em 12 meses e, antes disso, desde 2011.

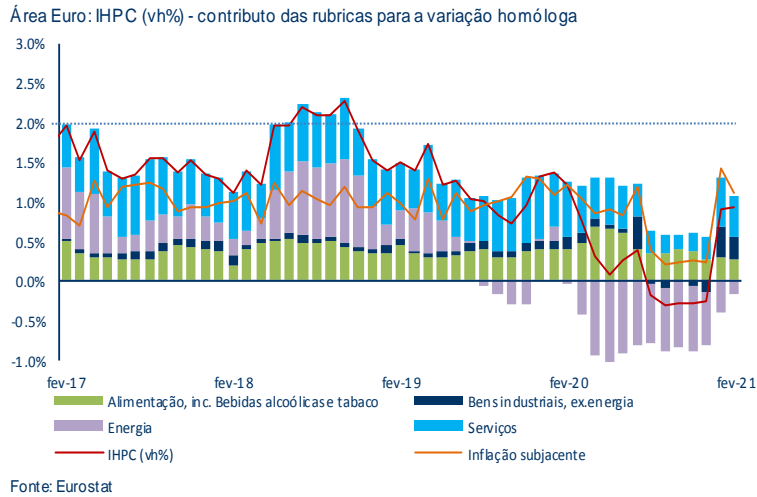
EUA: IPC: contributo das rubricas para a variação homóloga



Fonte: BLS

Na **Área Euro**, a variação homóloga do IHPC permaneceu inalterada em 0.9% em fevereiro. Ao nível da inflação subjacente, ou seja, excluindo os preços da energia e da alimentação não-processada, a

respetiva variação recuou de 1.4% para 1.1% em função, sobretudo, da diminuição do crescimento dos preços dos *bens não-energéticos* e dos *serviços*. O contributo da componente energética tornou-se menos negativo, com a respectiva variação homóloga a passar de -4.2% para -1.7%. Estes dados sugerem que na Área Euro a inflação permanece em níveis contidos e que a que a subida acentuada registada em janeiro se deveu a factores temporários, como o fim da descida temporária da taxa de IVA na Alemanha.



Nos EUA, após um ligeiro recuo durante a segunda metade de fevereiro, as **expetativas de inflação** dos investidores voltaram a aumentar a partir do início de março, encontrando-se ligeiramente abaixo dos meses anteriores. Na Europa, as expetativas de inflação acentuaram a tendência de subida desde o início deste mês, fixando-se atualmente em 1.5% e aproximando-se desta forma da zona de conforto do BCE (inflação próxima mas inferior a 2%).

A inflação estará sujeita a uma considerável volatilidade nos próximos meses. O impacto combinado da recente alta dos preços do petróleo, o fim da redução temporária da taxa de IVA na Alemanha e os efeitos da melhoria económica deverão implicar um incremento temporário na inflação sobretudo durante o resto do ano. Ainda de acordo com as expetativas dos investidores, as pressões subjacentes de médio prazo deverão permanecer moderadas. O BCE reviu na semana passada as suas projeções económicas. Em termos de inflação, o BCE antecipa um aumento do IPCH até 2% em 2021, devendo regressar a leituras mais próximas de 1 p.p. em 2022.

3. Anexo de Informação Financeira

(atualizado sexta-feira, dia 12 de março, às 12h00)

MERCADO MONETÁRIO

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):		
	31-dez-19	31-dez-20	5-mar-21	12-mar-21	2020	2021 YTD	Semana
EURIBOR Act/360 dias							
1 mês	-0.438	-0.554	-0.554	-0.548	↓ -0.116	↑ 0.006	↑ 0.006
3 Meses	-0.383	-0.545	-0.537	-0.539	↓ -0.162	↑ 0.006	↓ -0.002
6 Meses	-0.324	-0.526	-0.514	-0.514	↓ -0.202	↑ 0.012	↔ 0.000
12 Meses	-0.249	-0.499	-0.487	-0.483	↓ -0.250	↑ 0.016	↑ 0.004
LIBOR USD Act/360 dias							
LIB 1 mês	1.763	0.144	0.103	0.106	↓ -1.619	↓ -0.038	↑ 0.003
LIB 3 meses	1.908	0.238	0.185	0.184	↓ -1.670	↓ -0.054	↓ -0.001
LIB 6 meses	1.912	0.258	0.196	0.194	↓ -1.655	↓ -0.064	↓ -0.002
LIB 12 meses	1.996	0.342	0.278	0.279	↓ -1.654	↓ -0.063	↑ 0.001

OBRIGAÇÕES DE GOVERNO - 10 anos

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):		
	31-dez-19	31-dez-20	5-mar-21	12-mar-21	2020	2021 YTD	Semana
Portugal	0.442	0.030	0.290	0.192	↓ -0.412	↑ 0.162	↓ -0.098
Espanha	0.468	0.047	0.393	0.317	↓ -0.421	↑ 0.270	↓ -0.076
Grécia	1.468	0.628	0.965	0.802	↓ -0.840	↑ 0.174	↓ -0.163
Itália	1.412	0.543	0.754	0.628	↓ -0.869	↑ 0.085	↓ -0.126
França	0.118	-0.338	-0.048	-0.070	↓ -0.456	↑ 0.268	↓ -0.022
Alemanha	-0.185	-0.569	-0.302	-0.311	↓ -0.384	↑ 0.258	↓ -0.009
Reino Unido	0.822	0.197	0.756	0.790	↓ -0.625	↑ 0.593	↑ 0.034
Suíça	-0.471	-0.550	-0.251	-0.256	↓ -0.079	↑ 0.294	↓ -0.005
EUA	1.918	0.913	1.566	1.591	↓ -1.004	↑ 0.678	↑ 0.025
Japão	-0.011	0.021	0.096	0.123	↑ 0.032	↑ 0.102	↑ 0.027

ÍNDICES ACIONISTAS

	Valor observado				Variação (%):		
	31-dez-19	31-dez-20	5-mar-21	12-mar-21	2020	2021 YTD	Semana
Eurostoxx 600	416	399	409	422	↓ -4.0%	↑ 5.7%	↑ 3.2%
IBEX	9549	8074	8287	8605	↓ -15.5%	↑ 6.6%	↑ 3.8%
CAC	5978	5551	5783	6025	↓ -7.1%	↑ 8.5%	↑ 4.2%
DAX	13249	13719	13921	14468	↑ 3.5%	↑ 5.5%	↑ 3.9%
FTSE	7542	6461	6631	6734	↓ -14.3%	↑ 4.2%	↑ 1.6%
PSI20	5214	4898	4672	4835	↓ -6.1%	↓ -1.3%	↑ 3.5%
S&P 500	3231	3756	3842	3939	↑ 16.3%	↑ 4.9%	↑ 2.5%
Nasdaq	8973	12888	12920	13399	↑ 43.6%	↑ 4.0%	↑ 3.7%
Topix	1721	1805	1896	1951	↑ 4.8%	↑ 8.1%	↑ 2.9%
MSCI Emerg	1115	1291	1339	1358	↑ 15.8%	↑ 5.1%	↑ 1.4%
Shanghai	3050	3473	3502	3453	↑ 13.9%	↓ -0.6%	↓ -1.4%

CÂMBIOS e MATÉRIAS-PRIMAS

	Valor observado				Variação (%):		
	31-dez-19	31-dez-20	5-mar-21	12-mar-21	2020	2021 YTD	Semana
EUR/USD	1.1213	1.2216	1.1915	1.1934	↑ 8.9%	↓ -2.3%	↑ 0.2%
EUR/JPY	121.77	126.18	128.98	130.01	↑ 3.6%	↑ 3.0%	↑ 0.8%
EUR/GBP	0.8459	0.8937	0.8612	0.8585	↑ 5.7%	↓ -3.9%	↓ -0.3%
EUR/CHF	1.0856	1.0812	1.1087	1.1094	↓ -0.4%	↑ 2.6%	↑ 0.1%
EUR/AOA	537.16	795.17	740.26	743.53	↑ 48.0%	↓ -6.5%	↑ 0.4%
EUR/MZN	69.12	91.50	88.65	88.11	↑ 32.4%	↓ -3.7%	↓ -0.6%
Petróleo (Brent \$)	66.42	51.17	69.39	69.17	↓ -23.0%	↑ 35.2%	↓ -0.3%
Ouro (\$)	1517.27	1898.36	1700.64	1705.59	↑ 25.1%	↓ -10.2%	↑ 0.3%
Prata (\$)	17.85	26.40	25.25	25.61	↑ 47.9%	↓ -3.0%	↑ 1.4%
Cobre (\$)	279.70	351.90	408.70	410.40	↑ 25.8%	↑ 16.6%	↑ 0.4%
Soja (\$)	943.00	1315.25	1434.25	1425.00	↑ 39.5%	↑ 8.3%	↓ -0.6%
Milho (\$)	387.75	484.00	562.00	545.00	↑ 24.8%	↑ 12.6%	↓ -3.0%

DISCLAIMER

Esta informação não constitui uma recomendação de investimento e não pode servir de base à compra ou venda de ativos nem à realização de quaisquer operações nos mercados financeiros assim como não deve ser considerado a base de qualquer tipo de contrato.

A presente informação incorpora a visão desenvolvida pela Caixa Geral de Depósitos e baseia-se em informação pública disponível e nas condições de mercados à data, proveniente de várias fontes que se creem credíveis, não sendo possível garantir que a mesma esteja completa ou precisa, estando sujeita a revisões, atualizações e alterações futuras sem aviso prévio. Não pode, assim, ser imputada qualquer responsabilidade à Caixa Geral de Depósitos por perdas ou danos causados pelo seu uso.

A informação contida neste documento é realizada com um objetivo informativo, sendo enviada como um instrumento auxiliar, não podendo servir de base a qualquer investimento que possa ser realizado.

Na preparação do presente documento não foram considerados objetivos de investimento, situações financeiras ou necessidades específicos dos clientes, não tendo existido na sua elaboração a adequação da informação a qualquer investidor efetivo ou potencial nem ponderadas circunstâncias especificadas de qualquer investidor efetivo ou potencial.

As rendibilidades divulgadas representam dados passados, não constituindo garantia de rentabilidade futura.

Não está autorizada a publicação, duplicação, extração e transmissão destes conteúdos informativos. A Caixa Geral de Depósitos não se responsabiliza por qualquer facto suscetível de alterar a integridade do conteúdo desta mensagem, resultante da sua transmissão eletrónica.